

TEMPOS VERBAIS EM VARIAÇÃO: O CASO DOS PRETÉRITOS PERFEITO E MAIS-QUE-PERFEITO

MÁRLUCE COAN

(Universidade Federal de Santa Catarina)
(Universidade do Extremo Sul Catarinense)

1 - Preliminares

Pretende-se, neste trabalho, tratar do uso variável das formas verbais de pretérito mais-que-perfeito e pretérito perfeito no preenchimento da função temporal de anterioridade, estabelecida relativamente a um ponto de referência passado. São mostrados e discutidos resultados estatísticos relativos a três grupos de fatores: paralelismo formal, tipo de verbo e idade, almejando caracterizar os contextos discursivos preferenciais de uso das formas de pretérito perfeito e pretérito mais-que-perfeito, além de verificar se o fenômeno investigado se comporta como variação estável ou se é possível caracterizá-lo como mudança em tempo aparente.

A amostra desta pesquisa integra o Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul), sendo constituída de dados de trinta e seis informantes nativos de Florianópolis.

2 - O fenômeno em estudo

Com o objetivo de verificar como os falantes de português codificam um tempo passado anterior a outro, notamos, a partir de uma observação preliminar, que o pretérito perfeito, por vezes, aparece em lugar do mais-que-perfeito. Essa observação empírica inicial, entretanto, não nos permite afirmar que estamos diante de um fenômeno de variação. É necessário, em princípio, verificar a função lingüística que tais formas codificam e a frequência de uso das variantes.

Acreditamos que os pretéritos perfeito e mais-que-perfeito variem porque podem preencher uma mesma função lingüística. Inicialmente, pode-se dizer que

esses pretéritos codificam um tempo passado anterior a outro passado.

Note-se, entretanto, que o pretérito perfeito nem sempre indica um passado anterior. O que nos permite saber se um pretérito perfeito é um passado anterior é o ponto de referência. Os tempos verbais se ligam a outros momentos no tempo representados, discursivamente, por formas verbais, por advérbios, pelo momento de fala, entre outros, chamados de ponto de referência. O pretérito perfeito, por exemplo, pode aparecer tanto vinculado ao tempo de fala quanto vinculado a um outro tempo já passado, aparecendo em lugar do pretérito mais-que-perfeito. O primeiro chamamos de *pretérito perfeito simples* e o segundo de *pretérito perfeito anterior*.

Em se tratando, então, da codificação de um passado anterior a um ponto de referência passado, tanto o pretérito perfeito quanto o pretérito mais-que-perfeito parecem ser perfeitamente adequados, o problema é que outras formas também podem ser colocadas sob tal rótulo: o imperfeito do indicativo, por exemplo (Então ela acabou saindo do serviço, ela *trabalhava* lá...FLP03,L1187).

Parece-nos, entretanto, que a substituição do pretérito imperfeito pelo perfeito ou mais-que-perfeito, na maioria das situações, acarreta uma diferença no que se refere à visão da situação. Formas como as de perfeito e mais-que-perfeito apresentam a situação como um todo único, sem distinção de fases, já o imperfeito, por exemplo, faz referência à constituição temporal interna da situação, o que nos leva a classificar as primeiras como perfectivas e a segunda como imperfectiva, nos termos de Comrie (1981, 1990). Assim, nossa função ganha um componente adicional: a perfectividade.

Caracterizada a função como um passado perfectivo anterior a um ponto de referência passado, torna-se necessário, ainda, especificar quais formas de pretérito perfeito e mais-que-perfeito nos interessam. Cumpre, então, definir o valor temporal das formas em jogo e a organização discursiva em que aparecem.

Estamos interessados no valor temporal do pretérito mais-que-perfeito, ou seja, sua utilização referindo uma situação perfectiva transcorrida antes de uma outra em tempo passado. E, igualmente, interessados no pretérito perfeito que pode ocupar o lugar do mais-que-perfeito em contextos comunicativos como o mencionado. O pretérito perfeito, salvo a restrição de que pode ocorrer como referente ao tempo de fala, parece não fugir ao seu valor temporal, ou seja, o de indicar um tempo passado¹. O mesmo, porém, não ocorre com o pretérito mais-que-perfeito, existem outros valores em jogo. Conforme Cunha e Cintra (1985), esse pretérito pode denotar um fato vago no passado ou uma atenuação ("*Até que afinal conseguiu o meu carneiro para montar.*" / "*Eu tinha vindo para convencê-lo de que Pedro é seu amigo...*"); pode, também, substituir o futuro do pretérito e o imperfeito do subjuntivo ("*Um pouco mais de sol - e fora brasa...*" / "*Assistimos à Divina Tragédia como se fôramos...os últimos personagens póstumos do Mestre.*"); e, ainda, ser utilizado em frases exclamativas ("*Tomara*

eu ser-lhe útil.”)

No que se refere à organização discursiva, é necessário verificar se a alternância entre os pretéritos perfeito e mais-que-perfeito se dá sequencialmente ou contra-sequencialmente. Observamos, de início, contra-sequencialidade no uso alternativo das formas. Muitas gramáticas trazem, também, exemplos em que o pretérito mais-que-perfeito representa contra-sequencialidade, ou seja, a situação que ocorreu cronologicamente primeiro é codificada depois de outra que lhe é posterior no tempo, porém codificada antes. Assim, poderíamos supor que o pretérito mais-que-perfeito indica contra-sequencialidade. Mas nossa expectativa se desfaz quando nos deparamos com a observação de Bechara (1979), por exemplo, de que em certas orações temporais aparece o perfeito onde se esperaria o mais-que-perfeito e ilustra tal fato com uma situação sequencial (*“Logo que se retirou o inimigo, mandou D. João Mascarenhas enterrar os mortos”*); e com exemplos apresentados por Cunha & Cintra (1985) nos quais o pretérito mais-que-perfeito aparece tanto em exemplos de sequencialidade, onde o esperado seria o pretérito perfeito, quanto em exemplos de contra-sequencialidade (*“O monólogo tornara-se tão fastidioso que o Barbaças desinteressou-se.”/“Samuel aproximou-se para avisar que o táxi tinha chegado.”*). Assim, não se sabe se o perfeito e o mais-que-perfeito se alternam numa e noutra estratégia discursiva ou se somente em alguns casos tais formas seriam intercambiáveis. Considere-se o seguinte exemplo:

(01) Eu antes *estudei* até o ginásio. Depois de dez anos, aí eu *fiz* o segundo grau.
(FLP 17, L08)

Acreditamos que os pretéritos destacados em (01) ocupam sua função prototípica, ou seja, codificam situações apresentadas na seqüência em que ocorreram. Uma quebra na seqüência discursiva, por exemplo, justificaria o aparecimento do pretérito mais-que-perfeito mas não é o caso em (01). Adiciona-se, assim, o componente contra-sequencialidade à função denominada de passado perfectivo anterior a um ponto de referência passado. Descartando o perfeito sequencial, foi necessário descartar também o mais-que-perfeito sequencial pois nesse contexto teríamos apenas uma variante a ser considerada.

Passemos, agora, à investigação da freqüência de uso de cada variante. Tratando exclusivamente do pretérito mais-que-perfeito simples, encontramos os seguintes tipos: formas destituídas de seu valor temporal básico e formas homônimas com as de pretérito perfeito na terceira pessoa do plural.

O primeiro tipo excluimos de imediato pois essa forma, encontrada apenas em enunciados exclamativos, codifica uma expectativa futura, portanto adaptada a outra função lingüística, conforme atesta o exemplo (02).

(02) TOMARA que eu esteja enganado! (FLP 21, L666)

O segundo tipo associado à terceira pessoa do plural mostrou-se, em princípio, problemático quanto à interpretação do tempo verbal. Considere-se:

(03) ...muito sábado e muito domingo a família saiu pra passear e eu ficava em casa estudando, pra não *decepcionar* nem a mim mesmo, nem aqueles que me CONVIDARAM e os que me ELEGERAM. (FLP 21, L249)

Os verbos *convidaram* e *elegeram* poderiam ser classificados, indistintamente, como pretérito mais-que-perfeito simples ou pretérito perfeito, já que as formas são homônimas na terceira pessoa do plural e os tempos são intercambiáveis. Optar por uma ou outra classificação parece ser indiferente, mas não é. Não foi encontrado, com relação às demais pessoas do discurso, nenhum caso de pretérito mais-que-perfeito simples na codificação de um tempo passado perfectivo contra-seqüencial anterior, no entanto, muitas ocorrências de pretérito perfeito. Por isso, consideramos as formas utilizadas no exemplo (03) como de terceira pessoa do pretérito perfeito anterior.

Pode-se dizer, então, que o pretérito mais-que-perfeito simples está em vias de extinção no que se refere ao seu valor temporal prototípico, pelo menos em se tratando de linguagem oral.

A não utilização do pretérito mais-que-perfeito simples na fala também foi atestada em estudo feito a partir de entrevistas orais (NURC e Projeto Censo de Variação Lingüística - RJ). Não foi encontrada nenhuma ocorrência da forma simples do pretérito mais-que-perfeito para indicar um tempo passado na linguagem falada, apenas na linguagem escrita, 86% em livros, 51% em revistas e 31% em jornais (Gonçalves, 1993).

Já em relação aos pretéritos mais-que-perfeito composto e pretérito perfeito anterior, há nos dados sob análise um uso variável prevalecendo o uso da forma de pretérito perfeito. Considere-se o quadro abaixo:

Quadro 01 - Quadro demonstrativo dos pretéritos perfeito e mais-que-perfeito com valor temporal de passado anterior

<i>Forma verbal</i>	<i>Número de dados</i>	<i>Porcentagem</i>
Pretérito perfeito	435	75.5%
Pretérito mais-que-perfeito composto	141	24.5%
Pretérito mais-que-perfeito simples	00	
Total	576	

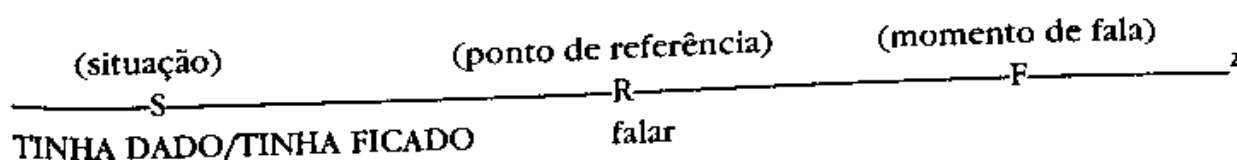
Câmara Jr. (1972), falando sobre o pretérito mais-que-perfeito simples, menciona o rendimento mínimo desse tempo verbal na língua falada, "mesmo de registro formalizado de dialeto social culto" (p.90). Utiliza-se, no lugar do pretérito mais-que-perfeito, conforme o autor, o pretérito perfeito, "que não está formalmente marcado" (p.90), ou uma locução de participio com o verbo auxiliar

ter no imperfeito (*op.cit.*). Note-se que o autor já prevê a variação entre o pretérito perfeito e o mais-que-perfeito composto e, além disso, o rendimento mínimo do pretérito mais-que-perfeito simples na linguagem oral.

Essas considerações de Câmara Jr., agregadas aos nossos dados de análise, levam-nos à seguinte formulação: no português falado em Florianópolis, ocorre um fenômeno de variação entre o pretérito mais-que-perfeito composto e o pretérito perfeito quando o objetivo do falante é codificar um tempo passado perfectivo contra-seqüencial anterior a outro tempo já passado (o ponto de referência). Observem-se dois exemplos desse tipo de variação:

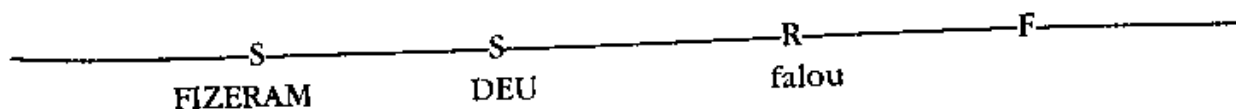
Pretérito mais-que-perfeito composto:

- (04) ...ela foi lá *falar* com a Telma que TINHA DADO positivo. Que TINHA FICADO bem azulzinho... (FLP 20, L1204)



Pretérito perfeito:

- (05) ...ela *falou* que FIZERAM a reação com o sangue e DEU positivo.(FLP 20, L1206)



3 - As motivações

Dedicada à análise do uso variável dos tempos verbais pretérito mais-que-perfeito e perfeito, esta seção está subdividida em três partes: uma referente ao *paralelismo formal*, outra referente à variável *tipo de verbo* e outra ainda focalizando a variável *idade*. A partir do controle quantitativo das referidas variáveis, através do programa computacional VARBRUL (Pintzuk, 1988), pretendemos avaliar qual delas exerce maior influência sobre a escolha das variantes pretérito mais-que-perfeito e pretérito perfeito e quais fatores favorecem o uso de uma ou outra forma de codificação.

3.1- Paralelismo Formal

Muitas pesquisas lingüísticas (Poplack, 1979; Scherre, 1988, por exemplo) têm mostrado a forte influência do paralelismo formal sobre variantes em análise: "marcas levam a marcas e zeros levam a zeros" (Poplack, 1979:80). A categorização desse grupo tem por objetivo testar seu condicionamento sobre a escolha dos pretéritos perfeito e mais-que-perfeito. Os tempos verbais

considerados como paralelos são os seguintes:

a) Formas de imperfeito

Consideramos, neste fator, tanto as formas de pretérito imperfeito quanto as de pretérito mais-que-perfeito que trazem uma forma de imperfeito no auxiliar. Nossa hipótese se refere ao aparecimento do pretérito mais-que-perfeito quando o verbo da oração imediatamente anterior aparecer na forma de imperfeito.

(06) *Tinha* uma moça antes de mim, que TINHA ESTOURADO a bolsa, e eles simplesmente botaram um papel e me colocaram em cima. (FLP 20, L859)

b) Pretérito Perfeito

Neste caso, a ocorrência do pretérito perfeito na oração anterior deve levar ao uso do pretérito perfeito na codificação do dado variável. Novamente, o aparecimento de uma determinada marca deve favorecer sua ocorrência na oração seguinte.

(07) *Consegui* na espera, em sexto lugar, porque DESISTIRAM dezessete crianças... (FLP 09, L619)

c) Forma não flexionada

As formas não finitas devem favorecer o pretérito mais-que-perfeito para que a delimitação entre o dado variável e o ponto de referência seja "mais saliente". Neste caso, porém, o paralelismo não deve estar atuando.

(08) Eu sei que a gritaria era tanta que um dia mandaram chamar a polícia, *pensando* que TINHA ACONTECIDO alguma coisa conosco. (FLP 01, L537)

d) Outros

Esta categoria engloba formas de futuro do pretérito e presente do indicativo e imperfeito e mais-que-perfeito do subjuntivo. Estas formas devem favorecer o pretérito mais-que-perfeito para que a relação de anterioridade relativamente ao ponto de referência fique bem evidenciada. Novamente, o paralelismo não atua.

(09) Ele *disse*: "Não, eu *vou inaugurar*." Mas TINHA DADO, uns dois dias antes, muita chuva. (FLP 23, L838)

O paralelismo formal foi o primeiro grupo a ser selecionado no conjunto de variáveis testadas. Seguem-se os resultados e a discussão :

Tabela 01-Paralelismo formal e uso do pretérito mais-que-perfeito

Fator	Total/N ^o de dados	Porcentagem	Peso relativo
Formas de imperfeito	150/65	43%	.67
Outros	57/15	26%	.67
Forma não flexionada	33/09	27%	.53
Pretérito perfeito	336/52	15%	.39
Total	576/141	24%	

A utilização do pretérito mais-que-perfeito paralela a formas de imperfeito se justifica pelo paralelismo (marcas levam a marcas). A baixa ocorrência, por outro lado, do pretérito perfeito igualmente comprova o paralelismo (pretérito perfeito leva ao pretérito perfeito).

Os verbos categorizados como “outros” e “forma não flexionada” favorecem o pretérito mais-que-perfeito. O que deve estar em jogo é a delimitação temporal e não o paralelismo já que, nestes casos, não funciona.

3.2 - Tipo de verbo do dado variável

A classificação preliminar deste grupo, que se caracteriza como um grupo de ordem semântica, foi pautada na tipologia verbal quadripartida proposta por Vendler (1967), assentada em valores aspectuais e constituída pelos seguintes tipos de verbos: *activities*, *accomplishments*, *achievements* e *states*. Essa classificação, conforme Godoi (1992:21), “é ontológica, representa as categorias situacionais que são partes do mundo como nós o percebemos e conhecemos (...) A quadripartição é feita no nível lexical como em Aristóteles³ (1984) e Kenny⁴ (1963) (...) Mas Vendler parece estar ciente de que suas categorias dizem respeito a expressões sintaticamente complexas sendo exemplar o caso do objeto direto que determina a qual das categorias o verbo pertence.” A consideração feita por Godoi (*op.cit.*) a respeito do trabalho de Vendler chama a atenção no sentido de levar em conta as relações estabelecidas no eixo sintagmático, uma vez que um constituinte pode alterar o significado de outro quando imediatamente relacionados. Considere-se, a seguir, cada tipo de verbo:

a) Atividade⁵

Vendler (1967:106) caracteriza os verbos de atividade da seguinte forma: “*For activities: A was running at time t means that time instant t is on a time stretch throughout which A was running.*” Para o autor, atividades não precisam de um término especificado, sendo verdadeiras mesmo quando interrompidas. Godoi (1992), interpretando Vendler, coloca que atividades são situações de duração temporal indefinida, não envolvendo culminação. Considere-se o seguinte exemplo:

(10) Aí os vizinhos *iam fazer* queixa que eu TINHA JOGADO bola. (FLP 18, L 1039)

b) Accomplishment

Conforme Vendler (*op.cit.*), se “*A was drawing a circle at t means that t is on the time stretch in which A drew that circle.*” Os *accomplishments* referem-se a um segmento inteiro de tempo. Uma situação do tipo *accomplishment* deve necessariamente evidenciar o ponto final. Assim, se alguém estava desenhando um círculo e parou, não podemos dizer que esse alguém desenhou o círculo. Há necessidade de completude. Considere-se (11):

(11) Então a gente brincava de casinha, *tinha* a casinha de um curral de porco,

né? que o pai TINHA FEITO um curral, tinha bastante bichos... (FLP 09, L05)

c) *Achievement*

Os *achievements* se referem a situações pontuais. De acordo com Vendler (*op.cit.*), esses verbos captam o começo ou o clímax de uma situação e não podem acontecer em uma extensão temporal. Se obtivermos uma resposta apropriada às questões: “*Em que hora...*” ou “*Em que momento...*”, estamos diante de um *achievement*. Este tipo verbal pode ser assim caracterizado: “*A won a race between t₁ to t₂ means that the time instant at which A won that race is between t₁ and t₂.*” (p.106). Considere-se o exemplo a seguir:

(12) Aí eu peguei, telefonei pra Macarronada e *descobri* que [ele tinha] - ACONTECEU um acidente. (FLP 03, L867)

d) *Estado*

Situações estáticas ocorrem em todos os instantes de um período de tempo. Vendler (*op.cit.*) faz a seguinte caracterização para estados: “*A loved somebody from t₁ to t₂ means that at any instant between t₁ and t₂ A loved that person.*” (p. 106)

Um verbo de estado tem valor de verdade se ocorrer em todos os pontos de um determinado período. A pergunta relevante é, como no caso das atividades, “Por quanto tempo?”, mas, diferentemente das atividades, os estados são situações que perduram por um determinado número de instantes temporais, sem possibilidade de divisão em fases. Veja-se o exemplo que segue:

(13) Porque, quando eu *fiquei* doente, eu já estava grande, né? Mas em pequena, pequena mesmo, caxumba, essas coisas, eu não TIVE, porque a minha mãe cuidava muito. Aí depois, sabes? começa a crescer, colégio. Aí pronto, né? Aí tu não queres mais nem saber, não come direito, começa a comer um monte de besteira - Mas enquanto eu era pequenininha, eu nunca TINHA TIDO doença de criança. (FLP 01, L996)

e) *Dicendi*

Além das quatro categorias verbais apontadas por Vendler (*op.cit.*), consideramos, ainda, os verbos *dicendi* que, em sua maioria, aparecem como retomadas discursivas, quando representam a situação em análise. Esta classificação à parte tem o propósito de captar nuances que tais verbos devem ter e que seriam atenuadas se englobados em outras categorias. Considere-se, a seguir, um exemplo de verbo *dicendi*:

(14) ... nós morávamos numa chácara, como eu FALEI, a chácara era do seu Italino... (FLP 08, L802)

As hipóteses que tínhamos, relativamente a tipo de verbo da situação representada pelas formas concorrentes de perfeito e mais-que-perfeito, diziam respeito a uma distribuição escalar dos resultados associados aos tipos de verbos, com base nos seguintes traços: duratividade e dinamicidade. Veja-se a escala:

menos durativo/mais dinâmico

- . *achievement* (situação pontual, ocorrida em um instante temporal)
- . *accomplishment* (situação completada, i. é, com ponto final especificado ocorrida em uma pequena extensão temporal)
- . atividade (situação sem o ponto final especificado, ocorrida em uma extensão temporal)
- . estado (situação ocorrida em todos os instantes temporais de uma extensão)

mais durativo/menos dinâmico

Com base nesta distribuição escalar, acreditávamos que situações localizadas mais próximas ao topo seriam codificadas com o pretérito mais-que-perfeito, enquanto aquelas mais próximas da base deveriam ser codificadas com o pretérito perfeito. Tal expectativa justificava-se pelo grau de saliência das situações: aquelas de ocorrência pontual e/ou assinaladas quanto à completude são mais salientes do ponto de vista perceptual, portanto seriam linguisticamente mais marcadas; já aquelas que se desenrolam numa extensão de tempo não delimitada quanto ao seu término são menos salientes, portanto seriam menos marcadas na codificação.

Quanto aos verbos *dicendi*, presume-se que a forma menos saliente seja preferida, uma vez que retomadas discursivas (cf. ex. 14) entram no enunciado com função coesiva e como forma de reativar um determinado tópico na lembrança do interlocutor.

Os resultados iniciais mostraram que a divisão quadripartida baseada principalmente na duração e delimitação não foi relevante; o que se mostrou pertinente foi a oposição quanto ao traço de dinamicidade. Os percentuais associados a cada tipo de verbo foram: *achievement*, 31%; *accomplishment*, 29%; atividade, 35%; e estado, 13%. A partir destes resultados, foram amalgamados os tipos atividade, *accomplishment* e *achievement* que representam situações dinâmicas; os estados, que representam situações menos dinâmicas, e verbos *dicendi* permaneceram como anteriormente apresentados.

Nossa hipótese sofre uma reformulação e passa a centrar-se no caráter mais dinâmico da situação prevendo-se que atividades, *accomplishments* e *achievements* favoreçam o pretérito mais-que-perfeito.

A tabela abaixo demonstra os resultados obtidos na análise quantitativa. Este grupo de fatores foi o terceiro a ser selecionado.

Tabela 02 - Tipo de verbo da situação do passado anterior e uso do pretérito mais-que-perfeito

Fatores	Total/N ^o de dados	Percentagem	Peso relativo
Situações + dinâmicas	348/107	31%	.63
Situações com verbo <i>dicendi</i>	78/08	10%	.35
Situações - dinâmicas	150/26	17%	.29
Total	576/141	24%	

Situações dinâmicas (.63) condicionam o aparecimento do pretérito mais-que-perfeito. Possivelmente, requerem uma forma de codificação marcada, já que são mais salientes por conduzirem a seqüência de ações, normalmente em figura⁶, no fluxo discursivo. Neste caso, a marcação pode ser explicada também pela complexidade estrutural e pela distribuição de freqüência, que são dois dos critérios apresentados por Givón (1991b:106) para analisar a marcação⁷.

Por outro lado, situações menos dinâmicas desfavorecem o pretérito mais-que-perfeito. Isso, em princípio, se justifica porque os estados não são salientes do ponto de vista perceptual e normalmente correspondem a informação de fundo na cadeia discursiva.

Estamos utilizando os critérios de saliência perceptual, complexidade estrutural e distribuição de freqüência para considerar o pretérito mais-que-perfeito como a categoria marcada. Note-se, entretanto, que todos os nossos dados em análise (incluindo a variante no pretérito perfeito) são contra-seqüenciais, por isso, marcados por natureza (Givón, 1995). O pretérito mais-que-perfeito representa, pois, a forma verbal mais marcada e não a estrutura sintática mais marcada, em termos de codificação contra-seqüencial (já que no caso das duas variantes a ordem é marcada).

Verbos *dicendi* também desfavorecem o pretérito mais-que-perfeito, de acordo com o previsto. Como aparecem freqüentemente em retomadas discursivas, tendo por característica lembrar o assunto ao interlocutor, não apresentam uma informação nova e por isso não são tão salientes.

3.3 - Idade

Arrolamos, neste trabalho, apenas a variável social idade com o objetivo de verificar se há indícios de mudança em tempo aparente. Acreditamos, de acordo com Dubois (1987), que as motivações sociais se confrontam e interagem com as motivações internas com profundas conseqüências. E que o contínuo da evolução lingüística depende da oscilação entre processos internos de generalização estrutural e sua interação com o sistema social externo. (Labov, 1970 *apud* Dubois *op.cit.*)⁸

Os dados em análise estão distribuídos por três faixas etárias, respectivamente, informantes com idade entre quinze e vinte e quatro anos, vinte e cinco e quarenta e nove anos, e mais de cinquenta anos. Nossa hipótese, neste caso, se refere a uma possível mudança, captada em tempo aparente, no sentido de que os mais jovens devem tender à inovação (entendida como uso mais freqüente do pretérito perfeito) e os mais velhos à preservação da forma mais antiga (predominância do pretérito mais-que-perfeito), enquanto que os indivíduos de meia idade devem demonstrar um comportamento neutro.

O grupo de fatores idade foi o segundo selecionado pelo programa estatístico, o que demonstra que sua influência na escolha das variantes pretérito perfeito e mais-que-perfeito é bastante relevante no português falado em Florianópolis. Os resultados obtidos para cada faixa etária encontram-se na tabela abaixo:

Tabela 03 - Atuação da idade no uso do pretérito mais-que-perfeito

Fatores	Total/N ^o de dados	Porcentagem	Peso relativo
+ de 50 anos	156/34	22%	.59
25-49 anos	204/78	38%	.70
15-25 anos	216/29	13%	.26
Total	576/141	24%	

Os números correspondem a nossa hipótese. Os falantes mais jovens tendem à utilização da forma de pretérito perfeito, enquanto os mais velhos inclinam-se ao emprego do pretérito mais-que-perfeito. Destaque-se, porém, que os que mais usam a forma considerada "mais antiga" são os de meia idade. Acreditamos ser possível, em função dos resultados, aventar a possibilidade de estar ocorrendo uma mudança em tempo aparente.

Labov (1994), entretanto, chama a atenção para as correlações entre idade e variáveis lingüísticas na seguinte direção: em casos de correlação é preciso decidir se estamos lidando com mudança em progresso ou com gradação etária (Hockett⁹, 1950 *apud* Labov, op.cit.), que caracterizaria uma mudança regular do comportamento lingüístico de acordo com a idade, que se repete a cada geração. Julgamos que o caso aqui delineado forneça indícios de mudança, o que se justifica pela possibilidade de variação mais acentuada percebida entre os indivíduos mais velhos e pela predominância de uso de uma das formas entre os mais jovens.

Um argumento adicional em favor dessa posição é encontrado em Labov (1994), quando o autor afirma não haver mudança se esta não for aceita como parte da língua por outros falantes. No fenômeno de variação ora analisado não se constata nenhum tipo de rejeição pelo uso de uma das variantes. E mais: devido a não estigmatização da variável em questão, os falantes parecem não

perceber as diferenças de uso, alternâncias estas, diga-se de passagem, já previstas e aceitas na língua, conforme atesta Camara Jr. (1972).

4 - Considerações finais

Neste trabalho, mostramos que no português do Brasil: a) é possível utilizar o pretérito perfeito pelo mais-que-perfeito quando desejamos codificar um tempo passado perfectivo contra-seqüencial anterior a um ponto de referência passado; b) a forma simples do pretérito mais-que-perfeito (em suas escassas ocorrências) assumiu um significado de projeção futura, pelo menos na linguagem falada, perdendo inteiramente o valor temporal passado.

Evidenciamos, também, duas possibilidades de ocorrência do pretérito perfeito: o pretérito perfeito simples e o pretérito perfeito anterior. Este último corresponde à forma verbal que pode variar com o pretérito mais-que-perfeito.

Depois, a partir da análise de três grupos de fatores, esboçamos o contexto de ocorrência dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito. A seguir, apresentamos um quadro comparativo entre os pretéritos sob análise. Os grupos de fatores estão arranjados por ordem de seleção estatística.

Quadro 02 - Quadro comparativo entre os pretéritos mais-que-perfeito e perfeito a partir dos resultados obtidos na análise quantitativa

Grupos de fatores	Pretérito mais-que-perfeito	Pretérito perfeito
Paralelismo formal	Formas de imperfeito	Pretérito perfeito
Idade	25-49 anos mais de 50 anos	15 - 24 anos
Tipo de verbo da situação	Situação mais dinâmica	Situação menos dinâmica Situação com verbo <i>dicendi</i>

O quadro acima demonstra os contextos preferenciais para o uso do pretérito mais-que-perfeito e do pretérito perfeito. Essa análise evidenciou a existência de "motivações em competição", situando-se o fenômeno investigado num domínio funcional complexo, sofrendo atuação de forças de naturezas distintas: estrutural (paralelismo formal), social (idade) e semântica (tipo de verbo).

Do ponto de vista da mudança lingüística, a tendência verificada a decréscimo de uso do pretérito mais-que-perfeito de acordo com a idade (.26 para os mais jovens em relação a .70 e .59 para os mais velhos) nos autoriza a falar em possível tendência à mudança.

Diante dos resultados obtidos nesta pesquisa, parece-nos lícito considerar que, a exemplo da simplificação que vem acontecendo na morfologia verbal de

número e pessoa (Duarte, 1996), também o paradigma verbal temporal vem sofrendo uma gradativa redução no português falado no Brasil: o pretérito mais-que-perfeito cedendo lugar para o pretérito perfeito; o futuro do pretérito perdendo espaço para o pretérito imperfeito do indicativo (Bezerra, 1980); o futuro do presente sendo substituído pelo presente do indicativo (Baleeiro, 1988).

Notas

- 1 O pretérito perfeito pode, ainda, ocorrer relativamente a um ponto de referência futuro (Quando você chegar, eu já *partii*). Neste caso, embora se situe à direita do tempo de fala, o pretérito perfeito *partii* mantém seu valor de tempo passado.
- 2 O eixo temporal aqui apresentado é baseado no eixo proposto por Reichenbach (1947).
- 3 ARISTOTLE. "Metaphysics". In: *The Complete Works of Aristotle*. The revised Oxford Translation II, Princeton, 1984.
- 4 KENNY, A. *Action, Emotion and Will*. London, 1963.
- 5 Preferimos traduzir apenas *activities* e *states* para atividades e estados. *Achievement* e *accomplishment* deixamos na forma original para assegurar a distinção. *Achievement* é entendido como uma realização pontual e *accomplishment* como uma realização não pontual, porém, com final especificado.
- 6 Koffka (1936/1975) descreve o plano ambiental como duplamente organizado (figura/fundo). A figura constitui o relevo, por isso, é percebida como mais saliente e o fundo aparece como suporte, caracterizando-se como neutro. In: *Princípios da psicologia da Gestalt*. São Paulo: Cultrix.
- 7 O princípio da marcação é um dos princípios gerais que orientam a teoria funcionalista givoniana. Tem a seguinte fórmula básica: "categorias cognitivamente marcadas (i.é, complexas) tendem a ser marcadas estruturalmente." (Givón 1991b: 106)
- 8 LABOV, W. "The study of language in its social context." *Studium Generale* 23, 1970.
- 9 HOCKETT, C. F. "Age-grading and linguistic continuity". *Language* 26, 1950.

Referências Bibliográficas

- BALEEIRO, M. I. *O futuro do presente no português culto de São Paulo*. Campinas, UNICAMP, 1988. (Dissertação de Mestrado).
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
- BEZERRA, A M. C. *A forma em -ria no português culto de São Paulo*. Moji das Cruzes, UMC, 1980. (Dissertação de Mestrado).
- CAMARA Jr., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- COMRIE, B. *Aspect* (3^a ed.). Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- *Tense* (4^a ed.). Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

- CUNHA e CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.
- DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio: "evite pronome" no português brasileiro*. Campinas, UNICAMP, 1996 (Tese de Doutorado).
- DUBOIS, J. "The discourse basis of ergativity". *Language*, v. 63, nº 4, 1987.
- GIVÓN, T. "Isomorphism in the grammatical code: cognitive and biological considerations". In: *Studies in language*. Philadelphia: J. Benjamins, 1991b.
- *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins Publishing Company, 1995.
- GODOI, E. *Aspectos do aspecto*. Campinas, 1992 (Tese de Doutorado).
- GONÇALVES, C. A. V. "Falara-se mais-que-perfeito: estudo presente do tempo pretérito". *ALFA* 37, São Paulo, 1993.
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change*. Cambridge: Black Well, 1994.
- PINTZUK, S. *VARBRUL Programs*. 1988 (mimeo).
- POPLACK, S. *Function and process in a variable phonology*. University of Pennsylvania (Dissertation), 1979.
- SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1988 (Tese de Doutorado).
- VENDLER, Z. "Verbs and Times". *Linguistics and Philosophy*. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1967.